



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

FRANCIELE COSTA BARROS REZENDE

**A teatralidade na era digital: Confrontamento do eu sobre a perspectiva
de Clarice Lispector**

**BRASÍLIA
2023**

FRANCIELE COSTA BARROS REZENDE

**A teatralidade na era digital: Confrontamento do eu sobre a perspectiva de
Clarice Lispector**

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literatura – TEL – da Universidade de Brasília – UnB, sendo requisito obrigatório para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras- Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas.

Orientador: Prof.º Dr. André Luis Gomes

BRASÍLIA
2023

“A satisfação que o nosso trabalho nos proporciona é sinal de que soubemos escolhê-lo.”

Clarice Lispector

Agradecimentos

Este trabalho não apenas representa o ponto culminante de minha jornada acadêmica, mas também se configura como um marco singular em minha vida, proporcionando uma oportunidade única de reflexão sobre a incrível trajetória que pretendo estabelecer como docente. Neste momento importante, expresso meu reconhecimento pela graça e força que Deus, em Sua infinita sabedoria, derramou sobre mim, permitindo-me alcançar esta etapa com plena satisfação.

Agradeço ao meu orientador, cujas dicas e contribuições refletem seu conhecimento perspicaz, especialmente no contexto da obra de Clarice Lispector. Sua orientação foi valiosa neste processo.

À meu esposo, parceiro incansável, expresso minha profunda gratidão pelo seu apoio e por acreditar nos meus sonhos. Sua presença foi uma fonte de força e inspiração ao longo desta jornada desafiadora.

Por fim, desejo estender meu agradecimento a todos os amigos que caminharam ao meu lado nesta trajetória, incluindo os professores incríveis que conheci na Universidade. Cada um deixou uma marca indelével, contribuindo de forma rica e significativa, moldando não apenas meu percurso acadêmico, mas também meu ser como educadora. Obrigada a todos que, de alguma forma, fizeram parte desta jornada memorável.

**A teatralidade na era digital: Confrontamento do eu sobre a
perspectiva de Clarice Lispector¹**

***Theatricality in the digital age: Confrontation of the self from the
perspective of Clarice Lispector***

Franciele Costa Barros Rezende²

Orientador: Prof^o. Dr. André Luis Gomes

Resumo: Na contemporaneidade, caracterizada pela proliferação de dispositivos digitais e interações mediadas por telas, a crescente dependência de plataformas online e redes sociais podem resultar em uma desconexão gradual das experiências humanas, uma vez que a interação face a face é frequentemente substituída pela comunicação virtual. No entanto, mesmo diante dessa realidade contemporânea, a literatura resiste como um poderoso agente na construção do indivíduo. Em um mundo inundado por estímulos digitais, a literatura permanece como uma forma de expressão artística e narrativa que transcende as barreiras tecnológicas. Ela nos convida a mergulhar nas complexidades dos seres humanos, explorando suas alegrias, desafios, aspirações e tristezas. Assim, em meio a essa dicotomia entre a crescente virtualização das relações e a necessidade de nos encontrarmos como ser humano, emerge a importância de examinar como as narrativas literárias, em especial, de Clarice Lispector podem desencadear sentimentos que causam confronto com o próprio eu, incorporando reflexões para a construção e desconstrução do eu. Essa pesquisa será empreendida em uma investigação das etapas da jornada interior da personagem principal na obra *A Paixão Segundo G.H.*, que inclui momentos de autoconhecimento ao confrontar sua própria identidade e aprofundar-se em suas complexidades. Isso servirá como uma metáfora para um comparativo com a sociedade moderna que enfrenta questionamentos sobre sua autenticidade em um mundo virtual. Além disso, será utilizada a teoria do sociólogo Erving Goffman para destacar como a consequência da era digital está relacionada também a teatralidade que o indivíduo já vivencia nas convivências sociais reais.

Palavras-chave: Redes Sociais; Teatro; Personagens; Goffman; G.H.

¹ Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literatura – TEL – da Universidade de Brasília – UnB, sendo requisito obrigatório para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras- Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas.

² Graduada em Letras Português. E-mail: Franciele.barros@hotmail.com

Abstract: In contemporary times, characterized by the proliferation of digital devices and screen-mediated interactions, the growing dependence on online platforms and social networks can result in a gradual disconnection from human experiences, as face-to-face interaction is often replaced by virtual communication. However, even in the face of this contemporary reality, literature resists as a powerful agent in the construction of the individual. In a world flooded by digital stimuli, literature remains a form of artistic and narrative expression that transcends technological barriers. She invites us to delve into the complexities of human beings, exploring their joys, challenges, aspirations and sadness. Thus, amid this dichotomy between the increasing virtualization of relationships and the need to find ourselves as human beings, the importance of examining how literary narratives, especially those of Clarice Lispector, can trigger feelings that cause confrontation with one's own self., incorporating reflections for the construction and deconstruction of the self. This research will be undertaken in an investigation of the stages of the main character's inner journey in the work *A Paixão Segundo G.H.*, which includes moments of self-knowledge when confronting one's own identity and delving deeper into its complexities. This will serve as a metaphor for a comparison with modern society that faces questions about its authenticity in a virtual world. Furthermore, sociologist Erving Goffman's theory will be used to highlight how the consequence of the digital era is also related to the theatricality that the individual already experiences in real social interactions.

Keywords: Social Networks; Theater; Characters; Goffman; G.H.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. O DESENCONTRO DO EU PARA O ENCONTRO SOCIAL.....	5
3. CLARICE LISPECTOR, UMA PONTE ENTRE O INDIVÍDUO E O UNIVERSO .	7
3.1. CONECTANDO A <i>PAIXÃO SEGUNDO G.H.</i> ÀS REDES SOCIAIS	9
3.2. BASTIDORES EMOCIONAIS	12
4. DRAMATURGIA DIGITAL, GOFFMAN E CLARICE NO TEATRO DAS REDES SOCIAIS.....	15
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	18

1. INTRODUÇÃO

O processo de desenvolver a leitura de narrativas literárias traz a sensação de transitar em uma dimensão que vai além do papel. As histórias fictícias nos convidam a se deslocar para o mundo e mente dos personagens, conectando às suas emoções e desafios. Com isso, a partir da leitura é possível explorar vários sentimentos que podem ser desde uma alegria fascinante até uma reflexão melancólica. Por isso, compreende-se que a literatura não é apenas um instrumento de entretenimento, mas também um mecanismo que explora a complexidade humana. E Clarice consegue envolver o leitor de certa forma que torna a leitura de suas obras um momento de descobertas de si mesmo.

Partindo da premissa de que a literatura funciona como uma representação da sociedade, com base na obra *A Paixão Segundo G.H.* este trabalho estabelecerá paralelos entre as experiências da personagem G.H. englobando as características de uma mulher bem sucedida com uma vida estabilizada diante da sociedade, mas que se vê em uma desconstrução de identidade através dos acontecimentos inesperados que ocorrem em sua casa, como a demissão da sua empregada Nadir, o encontro com a barata e seus empates entre a realidade e a imaginação. E, tudo isso, será um espelho para reflexões do comportamento dessa geração na rede social.

Neste sentido, este artigo pretende explorar como os aspectos emocionais da protagonista se relacionam com a gama de sentimentos vivenciados por indivíduos em ambientes online, desde o compartilhamento de momentos felizes até os momentos de autorreflexão e melancolia diante da exposição constante, destacando também a maneira como a rede social tem se tornado uma ferramenta de encobrimento do verdadeiro “eu”, destacando a influência desse aspecto sobre a nova geração. A partir dessa perspectiva, o trabalho adotará uma abordagem em que engloba a obra do sociólogo Erving Goffman, “*A representação do eu na vida cotidiana*” que trará um esboço no que se refere ao comportamento do indivíduo em ambiente social, ressaltando que a teatralidade, como meio de interação, é uma característica presente no cotidiano do indivíduo.

2. O DESENCONTRO DO EU PARA O ENCONTRO SOCIAL

Cada indivíduo tem desafios nas interações sociais, pois muitas vezes é necessário se privar de algumas características pessoais para que se prevaleça a boa convivência. De fato, equilibrar a identidade pessoal com as expectativas sociais é algo que provoca questionamentos sobre as representações em que possivelmente estamos impostos. A busca por aceitação na sociedade traz uma dinâmica entre a autenticidade do “eu” e as demandas da vida social. Tudo isso apresenta uma complexidade nas interações e constitui um cenário de interpretações, onde utilizar de personagem identitária transforma-se em uma rotina diária.

Erving Goffman, sociólogo canadense, diante de uma visão multifacetada sobre a sociedade, destacou em sua obra “*A representação do eu na vida cotidiana*”, de 1959, através da teoria do teatro, reflexões que abordam sobre o comportamento do indivíduo diante dos outros. Goffman propõe uma análise perspicaz diante das formas pelas quais os indivíduos constroem sua identidade e a mantêm para estar incluído na sociedade. Utilizando-se da metáfora dramática, onde a vida é como um palco e o ator é o indivíduo que desempenha seu papel de acordo com as circunstâncias. O sociólogo explora camadas das interações humanas analisando o modo de agir dos atores diante da plateia, ou seja, diante da sociedade.

Quanto um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. Pede-lhes para acreditarem que o personagem que veem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as consequências implicitamente pretendidas por ele e que, de modo geral, as coisas são o que parecem ser (GOFFMAN, 1959, p. 25).

Percebe-se que a interação social envolve a aceitação do “eu” persona, visto que essa aceitação é crucial para a manutenção da imagem desejada pelo ator social. Vários elementos constituem a personalidade social em que o ator se insere, onde a credibilidade do “eu ator” precisa estar representada não somente no momentâneo, mas é necessário trazer este cenário para uma perspectiva mais avançada, envolvendo a “plateia” e assim trazendo a internalização dessa representação, de modo que se torne algo natural e convincente.

Podemos tomar o termo “fachada pessoal” como relativo aos outros itens de equipamento expressivo, aqueles que de modo mais íntimo identificamos com o próprio ator, e que naturalmente esperamos que o sigam onde quer que vá. Entre

as partes da fachada pessoal podemos incluir os distintivos da função ou da categoria, vestuário, sexo, idade e características raciais, altura e aparência (GOFFMAN, 1959, p. 31).

Goffman afirma que as interações sociais são semelhantes as performances teatrais, já que para se projetar ao mundo o indivíduo apresenta aos outros elementos que fazem parte da sua escolha específica, como: sexo, vestuário, função, dentre outras. E essas diversidades compõe a identidade social e servem como código para identificar o ator social. Com isso, as variações de características presentes nos vínculos sociais fazem com que o indivíduo se molde para ser compreendido e aceito.

O fato é, mesmo diante da evolução, tanto em aspectos estruturais da sociedade como no empoderamento do indivíduo, a capacidade de interpretar papéis para conviver é algo que ainda perpetua nessa geração. Essa teoria tem bastante relevância no que se refere ao comportamento do ser humano, mesmo que a pesquisa de Goffman tenha sido feita nos anos 50, há indícios significativos de sua integralização na atualidade. Apesar de todo esforço em estabelecer o indivíduo como um ser que pode se impor e expor sua identidade, ainda assim há tabus sobre como se comportar diante dos outros, sempre pensando no que o próximo irá interpretar. Então, a preocupação em apresentar-se “perfeito” prevalece muitas vezes.

A influência dos códigos sociais para a busca da perfeição reflete na complexidade do “eu” na sociedade contemporânea, e, neste contexto, as obras de Clarice Lispector vem como um contraponto intrigante à essa discussão, pois ela explora de maneira enigmática e profunda o comportamento do ser, desafiando as convenções sociais, oferecendo uma perspectiva única sobre a autenticidade e a teatralidade social. Clarice desafia o seu leitor a não se conformar com as ideias pré-definidas pela sociedade e abre questionamentos sobre as normas sociais, trazendo reflexões por meio dos seus personagens sobre a desconstrução do “eu” persona.

Uma autora que através das nuances das palavras, desencadeia sentimentos intensos, como uma espécie de confronto pessoal, introduzindo aos leitores questionamentos que estabelecem enfrentamento aos desafios da existência, sendo caracterizada como uma dramaturgia das palavras, em que consegue transitar entre o real e o imaginário de forma extraordinária e envolvente. Por isso, é tão fundamental explorar as obras de Clarice nessa geração contemporânea, uma vez que sua abordagem abrange os sentimentos mais complexos do ser humano, apresentando questionamentos existenciais que podem transcender estes aspectos comportamentais postulados, mesmo que sutil, mas

presente no meio social.

3. CLARICE LISPECTOR, UMA PONTE ENTRE O INDIVÍDUO E O UNIVERSO

Clarice Lispector, com sua prosa lírica e introspectiva, apresenta uma escrita que se torna uma ponte que liga o indivíduo ao universo. Ela nos lembra que a realidade, por vezes, pode ser opaca, mas a leitura revela o brilho escondido nas entrelinhas da existência. Ao conectar-se com a leitura, as pessoas encontram uma linguagem comum que estrapola barreiras linguísticas e culturais, permitindo que a comunicação flua além das fronteiras convencionais.

A sua narrativa literária, tem uma linguagem sublime e evocativa, que não apenas transcende, mas unifica as esferas sensoriais e emocionais da existência, estabelecendo conexões que reverberam com profundidade nas interações humanas. Enquanto nos aprofundamos na exploração desse intercâmbio íntimo entre as palavras habilmente entrelaçadas pela leitura poética e a solidez da realidade concreta. A voz de Clarice não somente nos convida, mas nos desafia a mergulhar nas águas complexas onde um texto poético tece sua essência nas relações humanas, costurando-se ao tecido da vida de maneira indelével. Através de suas narrativas é possível explorar a humanidade compartilhada, ela nos impulsiona a viver experiências alheias, a sentir empatia por perspectivas diversas e a reconhecer a beleza que reside nas sutilezas do cotidiano. As relações entre as pessoas podem ser enriquecidas, uma vez que a sensibilidade poética permite abraçar a complexidade de cada ser humano, enxergando além das aparências e compreendendo os desejos, medos e anseios que nos unem como espécie.

Dentro do contexto da análise literária, a obra de Clarice Lispector desempenha um papel significativo, suas palavras operam como um espelho reflexivo, estimulando a introspecção, a contemplação da identidade e a descoberta da singularidade individual. Essa exploração conduz não apenas à autoconsciência, mas também uma ligação reflexiva com a humanidade. Através da leitura de suas obras há uma postulação de que a jornada da autodescoberta é simultaneamente uma trajetória para compreender e estabelecer relações com o ambiente circundante. Por meio de suas narrativas e personagens, ela nos apresenta a complexidade intrínseca a todos os seres humanos, caracterizada por contradições e enigmas. Conseqüentemente, ao aprofundarmos nosso autoconhecimento, desenvolvemos uma maior capacidade de compreender os outros, nutrindo a empatia e fomentando a compaixão em nossas relações interpessoais.

A busca por compreensão e significado é inerente à condição humana, e a criação de realidades fictícias pode ser vista como uma tentativa de preencher os espaços vazios da existência. Ao construir mundos imaginários e dar vida aos personagens, de certa forma, há uma moldagem do próprio entendimento da realidade. A criação literária não é apenas uma fuga da solidão, mas uma forma de mergulhar profundamente nela, de explorar suas nuances e transformá-la em algo que vai além do isolamento, tendo a possibilidade de criar coragem para encarar as incertezas que a vida apresenta.

O resultado disso tudo é que eu vou ter que criar um personagem – mais ou menos como fazem os romancistas, e através da criação dele para conhecer. Porque eu sozinho não consigo: a solidão, a mesma que existe em cada um, me faz inventar. E haverá outro caminho de salvar-se? Senão o de criar as próprias realidades? (LISPECTOR, 1999, *Um Sopro de Vida*, p. 19).³

Cada personagem, cada cenário, cada trama traçam um retrato sutil e perspicaz dos anseios, conflitos e triunfos humanos. É como se através da tessitura das palavras, fosse possível tocar as essências que compõem a tessitura de nossa própria existência. Este processo não se limita à mera imitação da vida. A criação literária oferece uma lente única para explorar os recantos da psicologia humana. Dar vida aos personagens, não é apenas um molde do entendimento da realidade, mas também uma forma de desvendar as camadas mais profundas do ser humano.

Clarice, em suas obras transmite uma intensidade que faz um convite ao questionamento e autoconhecimento e, de fato, seu desenho literário incorpora uma identidade de linguagem que transita de forma intensa em cada leitor. Por isso, sua escrita sempre resignifica e se regenera na sociedade, sendo um reflexo tanto individual como conjunto, onde os leitores se tornam presentes no texto e se identificam com os personagens e suas tramas.

A força motriz neste processo criativo, impulsiona a explorar e a buscar conexões mesmo que elas sejam inventadas. Reforçando que, ao criar personagens e histórias, de certa forma, há um preenchimento dos espaços vazios deixados pela solidão, e, diante dessa perspectiva, é possível estabelecer uma conexão entre o “eu” e o “mundo”, pois as experiências fictícias trazem à tona sentimentos que contribuem para o autoconhecimento.

3.1 CONECTANDO A PAIXÃO SEGUNDO G.H. ÀS REDES SOCIAIS

O livro *A Paixão Segundo G.H.* de Clarice Lispector é um romance que têm aspectos interessantes no que se refere ao desenvolvimento da personagem principal, G.H. Há uma moldagem da linguagem que enriquece a obra, estabelecendo um confronto interno ao leitor. O estranhamento e constrangimento que a Clarice consegue despertar através dessa obra é algo instigante e inteiramente desafiador. Diante disso, fazer uma relação entre os conflitos enfrentados pela personagem no decorrer da obra e as características que a sociedade conectada às redes sociais apresentam, é, de fato, algo de relevância, pois é possível perceber semelhanças comportamentais.

No trecho a seguir pode-se relacionar a maneira como Clarice fundamentava sua linguagem introspectiva, transmitindo atualidade em seu contexto, deixando o leitor participante presente de sua imaginação, e este aspecto chama atenção também nas redes sociais, onde a forma como as pessoas se comportam está no foco de manter uma imagem que agrade aos que te seguem, tornando assim o seu lugar de pertencimento.

Se eu me confirmar e me considerar verdadeira, estarei perdida porque não saberei onde engastar meu novo modo de ser - se eu for adiante nas minhas visões fragmentárias, o mundo inteiro terá que se transformar para eu caber nele. (LISPECTOR, 1998, P.6).

A parte *“se eu me confirmar e me considerar verdadeira, estarei perdida porque não saberei onde engastar meu novo modo de ser”*, a Clarice aponta o momento em que G.H. se vê sozinha em casa, sem a empregada, despertando um confronto com seus sentimentos diante da atual circunstância que a situação lhe proporciona e pode-se abster da ideia de que este confronto tem um viés de comparação sobre o que várias pessoas sentem nessa era digital, em que as redes sociais se tornam uma ferramenta para ocultar o que ocorre na vida real, pois, expor o real talvez apresente um desafio onde não poderia “engastar”, ou seja, introduzir um novo modo de ser, ou seria o real, exposto na demagogia fantasmagórica de uma vida perfeita?

Perdi alguma coisa que me era essencial, e que já não me é mais. Não me é necessária, assim como se eu tivesse perdido uma terceira perna que até então me impossibilitava de andar, mas que fazia de mim um tripé estável. Essa terceira perna eu perdi. E voltei a ser uma pessoa que nunca fui. Voltei a ter o que nunca tive: apenas as duas pernas. Sei que somente com duas pernas é que posso caminhar. Mas a ausência inútil da terceira me faz falta e me assusta, era ela que fazia de mim uma coisa encontrável por mim mesma, e sem sequer precisar me procurar. (LISPECTOR, 1998, p.6).

Observa-se uma reflexão profunda sobre a identidade e a busca do autoconhecimento, o que é um dos grandes destaques nas obras de Clarice, e em *A Paixão Segundo G.H.*, o trecho acima conduz o leitor ao confronto e desconforto consigo mesmo. O processo de autodescoberta se inicia na personagem transcendendo a linguagem e conectando-se com o leitor. Existe uma preocupação da personagem sobre as possíveis implicações da autenticidade em relação ao seu lugar no mundo. Destaca-se uma tensão entre o “eu autêntico” e a dificuldade de enfrentar o “eu verdadeiro”, que sente medo e receios perante o mundo. Com isso, é possível estabelecer uma conexão entre a metáfora utilizada pela autora, onde o tripé é uma referência para simbolizar a falta de estabilidade quando se perde a terceira perna, mesmo que supostamente duas pernas seriam suficiente para manter-se de pé. Ao fazer um contraponto entre a terceira perna como parte fundamental da estabilidade da personagem, a análise pretendida neste artigo explora a influência das redes sociais no que se refere a identidade e estabilidade emocional. A terceira perna simboliza a dependência das redes sociais como lugar de pertencimento, e quando as pessoas se afastam deste vínculo social, sentem um vazio e a sensação de solidão sobressai.

A camuflagem nos perfis das redes sociais pode ser também comparada a descrição que G.H. apresenta referente ao seu apartamento, demonstrando a proximidade do imóvel com seu “eu” persona e o “eu” verdadeiro. E isso está explícito quando ela diz que a casa dela é apenas uma criação artística, o que conclui que aquele lugar onde existia muita elegância externa, em que caracterizava uma pessoa com atributos de bastante estigma social, mas na verdade era um ambiente apenas utilizado como refúgio para esconder o vazio que a tormentava. O apartamento representa uma vida que existe somente para fazer parte de um meio social e ser respeitada, assim como nas redes sociais, em que os usuários utilizam como uma criação artística para serem admirados e respeitados.

O apartamento me reflete. É no último andar, o que é considerado uma elegância. Pessoas de meu ambiente procuram morar na chamada “cobertura”. É bem mais que uma elegância. É um verdadeiro prazer: de lá domina-se uma cidade. Quando essa elegância se vulgarizar, eu, sem sequer saber por que, me mudarei para outra elegância? Talvez. Como eu, o apartamento tem penumbras e luzes úmidas, nada aqui é brusco: um aposento precede e promete o outro. Da minha sala de jantar eu viaas misturas de sombras que preludiavam o living. Tudo aqui é a réplica elegante, irônica e espirituosa de uma vida que nunca existiu em parte alguma: minha casa é uma criação apenas artística. (LISPECTOR, 1998, p. 22).

Em uma passagem na obra *O Dorso e o Tigre*, Benedito Nunes destaca a aspiração contraditória de realizar suas potencialidades e expressar sua verdadeira essência, onde ele menciona que alcançamos expressões parciais da existência que podem se desfazer com o tempo. Com isso, pode-se destacar que as representações nas redes sociais também podem ser efêmeras, ou seja, o que é compartilhado hoje pode ser esquecido ou revogado amanhã, à medida que a vida e as percepções dos indivíduos se modificam. No entanto, é importante considerar que as representações individuais nas redes sociais muitas vezes são seletivas e tendem a destacar aspectos positivos da vida, ocultando elementos menos favoráveis. Isso levanta questões sobre a autenticidade das interações online e a diferença entre a imagem projetada e a essência real do indivíduo.

A inquietação que neles tortura os indivíduos é o desejo de ser, completa e autenticamente - o desejo de superar a aparência, conquistando algo assim como um estado definitivo, realização das possibilidades em nós latentes. Aspiração contraditória! Realizar essas possibilidades é dar-lhes forma e, conseqüentemente, expressá-las. Não nos contentamos em viver; precisamos saber o que somos, necessitamos compreendê-la e dizer, mesmo em silêncio, para nós mesmos, aquilo em que nos vamos tornando. Alcançamos expressões parciais da existência indefinida, imagens sucessivas do nosso ser, que aparecem num momento para desfazer-se em outro. A realidade alcançada agora mostra-se depois como aparência - a única aparência possível no instante em que a engendramos e que outro instante revogará. (NUNES, 1976, P. 132-133).

Assim, a transformação de G.H. reflete a ideia expressa no trecho de Benedito Nunes de que alcançamos apenas expressões parciais da nossa existência, e essas expressões podem se transformar com o tempo. E G.H. estava vivendo uma existência parcial e superficial antes de sua experiência com a barata, e este momento forçou o confronto das camadas mais profundas de sua própria identidade e despertou a reconsiderar o que significa ser verdadeiramente autêntica.

Essa imagem de mim entre aspas me satisfazia, e não apenas superficialmente. Eu era a imagem do que eu não era, e essa imagem do não-ser me cumulava toda: um dos modos mais fortes é ser negativamente. Como eu não sabia o que era, então “não ser” era a minha maior aproximação da verdade: pelo menos eu tinha o lado avesso: eu pelo menos tinha o “não”, tinha o meu oposto. O meu bem eu não sabia qual era, então vivia com algum pré-fervor o que era o meu mal. (LISPECTOR, 1998, p. 23).

A narrativa da personagem G.H. ilustra como a jornada de autodescoberta e transformação pessoal pode ser desafiadora e desconfortável, porém fundamental para adquirir uma compreensão mais profunda tanto de si mesma quanto do mundo. Isso se

alinha com a concepção de Benedito Nunes de que a busca pela autenticidade requer uma constante adaptação e revisão da percepção sobre nossa própria identidade. Assim, ambos os textos enfatizam a natureza mutável e em constante evolução da experiência humana.

Na contemporaneidade, as redes sociais assumem uma relevante função na modelagem e apresentação das identidades dos indivíduos no ambiente virtual. Frequentemente, essas plataformas digitais possibilitam que os usuários compartilhem segmentos seletivos de suas vidas, enfatizando predominantemente os aspectos positivos e superficiais. Tal prática tende a construir uma representação idealizada de suas identidades, a qual pode distanciar-se substancialmente da totalidade de suas identidades genuínas e autênticas.

Este fenômeno contribui para a criação de uma imagem on-line que pode ser percebida como uma versão simplificada e aperfeiçoada de quem somos na realidade. Essa representação virtual pode estar em discordância com a complexidade e a riqueza de nossa identidade plena. E seguir essa lógica de seleção de aspectos da vida resulta em uma representação que não reflete integralmente a autenticidade. Sendo possível relacionar este contexto da era digital com as características apresentadas pelo sociólogo Goffman no que se refere aos personagens criados para viver em sociedade, e de fato, toda essa reflexão traz à tona sentimentos que podem ser construídos e também desconstruídos através da literatura, em especial, através da leitura da obra *A paixão Segundo G.H.*

3.2. BASTIDORES EMOCIONAIS

Partindo dos aspectos condicionados sobre as características comportamentais onde o indivíduo utiliza-se da interpretação de personagens para desenvolver a convivência em meio a sociedade, seja ela pessoalmente ou virtualmente, pode-se afirmar que neste processo de construção do “eu persona” consiste em perspectivas diante dos resultados das interpretações feitas no dia a dia. Neste contexto, depreende-se que o convívio social está embasado na transformação do “eu” para as interações amistosas. Diante disso, percebe-se que muitas vezes o fator sentimental fica ocultado para não haver uma exposição da personalidade real, pois assim há possibilidade de extrair questionamentos, uma vez que podem trazer consequências emocionais. Por isso, apresentar aspectos positivos é um mecanismo que todos buscam para se proteger de qualquer situação que cause constrangimento.

Assim, quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo. (GOFFMAN, 1959, p. 41).

De acordo com a pesquisa que Goffman apresenta, é possível interligar e desenvolver reflexões sobre o comportamento da personagem principal de *A Paixão Segundo G.H.* e os personagens criados nas redes sociais que são incorporados como um refúgio para esconder a personalidade verdadeira. E quando elas se deparam com a solidão, existe uma conexão com a identidade ocultada, e isso traz um desencadeamento de sentimentos que transitam nas características mais profundas do ser humano.

Nota-se que o meio social abrange camadas da estrutura humana que alcançam os limites da autoaceitação, e este aspecto induz ao caminho da busca incessante em agradar os outros, o que muitas vezes pode ser um gatilho para a interrupção de se criar uma trajetória existencial compartilhada, porém, sólida, através de experiências que corroboram para a distinção entre o “eu” real e o “eu” teatral. Por isso, é importante entender a representação que o “eu” ocupa dentro da sociedade e como a ocultação de identidade pode acarretar consequências psicológicas. Ao ignorar suas vontades e liberdade, busca-se enquadrar-se em um padrão social pré-estabelecido.

Para que eu continue humana meu sacrifício será o de esquecer? Agora saberei reconhecer na face comum de algumas pessoas que elas esqueceram. E nem sabem mais que esqueceram o que esqueceram. (LISPECTOR, 1998, p. 11).

Tendo como referência este trecho acima, percebe-se que a personagem G.H. aborda sobre a sua questão existencial como um fardo que está pautado na visão que os outros tem referente a ela e a visão dela sobre os outros, sendo o maior sacrifício humano o “esquecer” a sua essência para se adaptar as convivências humanas. A partir dessa relação cheia de dinâmicas de aceitação, entra em tese aspectos que podem ser comparados na representação que a barata constitui na trajetória da personagem G.H. e como essa relação traz uma análise sobre a visão que as pessoas tem sobre este inseto, considerado-o imundo. Observa-se que Clarice coloca a barata como algo que apresenta um desconforto ao personagem, pois, mesmo o quarto da empregada apresentando-se com aspecto limpo, é possível ter um inseto tão asqueroso, que transmite uma ideia de sujeira e invasão.

Abaixei rapidamente os olhos. Ao esconder os olhos, eu escondia da barata a astúcia que me tomara - o coração me batia quase como numa alegria. É que inesperadamente eu sentira que tinha recursos, nunca antes havia usado meus recursos - e agora toda

uma potência latente enfim me latejava, e uma grandeza me tomava: a da coragem, como se o medo mesmo fosse o que me tivesse enfim investido de minha coragem. Momentos antes eu superficialmente julgara que meus sentimentos eram apenas de indignação e de nojo, mas agora eu reconhecia - embora nunca tivesse conhecido antes - que o que sucedia é que enfim eu assumira um medo grande, muito maior do que eu. (LISPECTOR, 1998, p. 39-40).

Portanto, o que se pode construir a partir dessa relação é que existe uma ligação de sentidos existenciais quando há uma representatividade de atores bastante relevantes no palco da obra de Clarice, onde G.H, a empregada e a barata desempenham papéis cruciais para o entendimento do ‘eu’ sobre uma perspectiva da falta de interação e também na construção de interação e enfrentamento dos medos. Segundo Goffman (1959, p.223), “ *As rupturas na representação por conseguinte têm consequências em três níveis de abstração: personalidade, interação e estrutura social*”. E ao refletir sobre as consequências da ruptura entre a empregada e G.H. é possível inferir que o fato de G.H. estar sozinha, sem a empregada, trouxe a ela a percepção de que a empregada tinha uma função que, de certa forma proporcionava o comodismo, e isso destaca a crítica social que Clarice apresenta nas entrelinhas de sua obra, conduzindo o leitor a uma reflexão sobre o papel da empregada diante da visão do empregador. Mas, o fato da empregada se demitir, enfatiza um sentimento de abandono, onde a pessoa considerada como um indivíduo que se submete à ordens, desiste de conviver em um mundo subjugado por sua patroa.

Os bastidores de uma sociedade “perfeita” é referenciado neste contexto, e o desalinhamento dos personagens é uma característica que reforça que a interpretação tem a sua função social, mas as consequências fogem do controle dos atores, pois, no palco da vida muitas vezes os ensaios não são suficientes para entender as relações humanas, que são intrinsecamente complexas.

Dando sequência a essa análise sobre a perspectiva de Goffman na relação do ato dramaturgico e comparando a teatralidade desenvolvida em *A Paixão Segundo G.H.*, observa-se a entrada da barata como um ator coadjuvante, mas que proporciona um incômodo na personagem G.H. Ao se deparar com um inseto tão desprezado pela sociedade, o que conduz a representatividade da figura animal, constrói a montagem de outro espetáculo em que a personagem principal entra no palco, deixando o cenário propício ao confronto das sensações que a barata lhe causa, pois é um encontro não roteirizado, o que permite a exploração de sentimentos ocultos nos bastidores da existência, revelando as consequências de uma entrada inesperada de um ator na encenação previamente ensaiada.

4. DRAMATURGIA DIGITAL, GOFFMAN E CLARICE NO TEATRO DAS REDESSOCIAIS

Como abordado anteriormente, Goffman apresenta reflexões bastante relevantes sobre o comportamento do indivíduo em seu convívio social, apresentando características do teatro nas atitudes do cotidiano e, de fato, pode-se afirmar que essas características permanecem presentes até hoje. E a discussão deste trabalho também destaca a ideia de que a percepção do mundo é moldada pelas próprias experiências e emoções internas, de acordo com perspectiva de Clarice Lispector, em especial na obra *A Paixão Segundo G.H.* E quando é aplicado este conceito ao contexto das redes sociais, compreende que as postagens que vemos são projeções das vidas, filtradas, para mostrar apenas uma parte da realidade, sendo a melhor possível.

As redes sociais desempenham um papel significativo na influência do comportamento do indivíduo. Através das postagens, existe uma busca de se encaixar em algum grupo social e isso pode satisfazer o ego, permitindo uma expressão de si mesmo diferente da realidade. Este comportamento está se tornando cada vez mais comum, o que tem levado à perda da sensibilidade em relação à vida real. O impacto das redes sociais no comportamento humano é multifacetado e ao aproveitar essas plataformas para promover a socialização entre os indivíduos, percebe-se uma crise de personalidade, já que nessas plataformas a imagem vale mais do que o real.

No palco digital das redes sociais, a teatralidade da vida contemporânea não se limita a uma simples extensão da teoria de Goffman, mas também a uma metamorfose notável, por conseguinte, as fronteiras entre os papéis que desempenhamos online e a realidade cotidiana frequentemente se dissolvem. Nessa configuração virtual, a incessante busca por likes, comentários e compartilhamentos podem distorcer a própria essência, gerando uma desconexão entre a persona cuidadosamente cultivada na web e a identidade intrínseca offline. Essa dicotomia entre a imagem projetada e a vivência genuína muitas vezes desencadeia uma crise de identidade, onde a validação virtual ascende patamares superiores às experiências autênticas da vida real.

Adicionalmente, a exposição constante da vida aparentemente perfeita nas redes sociais desperta a curiosidade e a comparação social. Essa obsessão pela construção de uma imagem idealizada não apenas perpetua a ilusão da perfeição, mas também contribui para a diluição da sensibilidade à riqueza da vida cotidiana. Com isso, onde a atenção é monopolizada pela representação meticulosa, a experiência autêntica muitas vezes é relegada um segundo plano, obscurecida pela busca incessante da validação digital.

Também para a minha chamada vida interior eu adotara sem sentir a minha reputação: eu me trato como as pessoas me tratam, sou aquilo que de mim os outros vêem. Quando eu ficava sozinha não havia uma queda, havia apenas um grau a menos daquilo que eu era com os outros, e isso sempre foi a minha naturalidade e a minha saúde. E a minha espécie de beleza. Só meus retratos é que fotografavam um abismo? Um abismo. Um abismo de nada. Só essa coisa grande e vazia: um abismo. (LISPECTOR, 1998, p. 18).

Agora, considerando a ótica da personagem G.H., pode-se comparar que assim como G.H. enfrenta o desconhecido em sua casa, após a demissão de sua empregada e o encontro com a barata, os usuários das redes sociais também enfrentam o desconhecido quando decidem compartilhar um personagem para ser aceito. Então, da mesma forma que G.H. confronta a presença do inesperado em seu próprio lar, os usuários podem se deparar com desafios e confrontos ao revelar aspectos mais profundos de suas vidas nas redes sociais, e isso é visível. Um exemplo explícito é no meio artístico, quando pessoas conhecidas expõe que a vida não é tão “perfeita” como as fotos demonstram, automaticamente a mídia e os seguidores se assustam e despejam comentários, muitas vezes maldosos, sem filtros, e, principalmente sem se preocupar que existe um ser humano com sentimentos atrás da tela do celular. Tornando-se alguns comentários uma espécie de gatilho para consequências na saúde mental, como crise de ansiedade e a depressão.

No ambiente virtual, há uma jornada de representação online, com a construção de personagens virtuais que muitas vezes refletem uma versão simplificada e idealizada de quem somos na realidade, e neste contexto está a discordância com a complexidade da identidade plena, assemelhando-se ao desconforto enfrentado por G.H. ao confrontar sua própria realidade. E ao fazer uma análise sobre a atuação do personagem virtual em comparação com G.H. é possível identificar paralelos significativos. Tanto G.H. quanto os indivíduos das redes sociais experimentam o desconhecido quando se expõe ao julgamento alheio, o que pode levar a ansiedade, que é um dos sentimentos mais comuns nessa geração contemporânea, assim como a depressão também, pois, enfrentar o desconforto emocional, contribui para o estado depressivo.

No decorrer do livro, G.H. apresenta desafios para enfrentar a complexidade da sua própria existência, o que parecia perfeito aos olhos da sociedade, por ser uma mulher bem sucedida e realizada financeiramente, se desmorona quando ela confronta seu “eu”, pois demonstra que o “status” não é a base para a estruturação do indivíduo, é necessário o autoconhecimento para a construção da autenticidade. E isso pode ser aplicado no meio social, tanto virtual quanto presencial.

A sociedade impõe muitas vezes expectativas e normas que podem prejudicar a

saúde mental e, conseqüentemente, a saúde física. Por isso, é importante criar incentivos para uma cultura de empatia, reconhecendo a autenticidade de cada indivíduo, promovendo uma compreensão sobre o outro. E as redes sociais precisam ser utilizadas como um mecanismo de interação positivo e equilibrado.

No que diz respeito aos aspectos positivos das redes sociais, é importante considerar que estas permitem criar, manter e construir relações interpessoais, constituindo-se como redes de suporte social que possibilitam a comunicação e a interação com os outros (Amante et al., 2014; Ellison, 2007; Lee et al., 2015; Valkenburg, Peter & Schouten, 2006). (ALEGRIA, Ana Sofia Pinto, 2019. P. 2).

5. Considerações finais

Todo enredo poético que a literatura apresenta aos leitores desperta uma densidade de sentimentos que podem ter a função de cura mental, se for utilizada de forma construtiva. O fato das criações fictícias proporcionarem uma busca da autoaceitação permite a descoberta de valores internos que por muitas vezes são ignorados devido a preocupação constante em se apresentar com “perfeição” para o meio social. Assim os personagens literários conseguem refletir várias dessas identidades, proporcionando uma validação e apoio. As análises exploradas neste trabalho trazem reflexões relevantes sobre o posicionamento do indivíduo diante do outro, levando em consideração a construção do “eu” persona e do “eu” real. Diante disso, conclui-se que a interação social transita em uma dicotomia de personalidades criadas para desenvolverem a convivência entre os indivíduos.

De fato, a teatralidade está presente no cotidiano, assim como citado pelo sociólogo Goffman, e hoje em dia percebe-se essas características teatrais nitidamente através das variações de identidades que foram construídas no decorrer dos anos, sendo uma forma de autenticidade, pois, através das configurações representativas é notório que ao se identificar com um grupo social é possível estabelecer conexões que auxiliam no encontro consigo mesmo. Tendo em vista que, o compartilhamento das experiências e vivências com os integrantes de um grupo social, seja ele definido pela identidade de gênero, raça, identidade filosófica ou qualquer outra forma de pertencimento, tem um papel crucial na formação e aprimoramento da identidade pessoal. Reconhecer as próprias complexidades contribui para o processo de autoconhecimento, auxiliando na construção de uma sociedade mais inclusiva e compassiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEGRIA, Ana Sofia Pinto et al. Relação entre a utilização de redes sociais e a literacia em saúde mental positiva de jovens: um estudo exploratório sobre o Instagram. 2019. Tese de Doutorado.
- GOFFMAN, Ervin. 1989[1959]. A Representação do Eu na Vida Cotidiana. Petrópolis:Vozes; 18 ed; 2011.
- LISPECTOR, Clarice. A paixão segundo GH. Editorial Universidade de Costa Rica, 1996.
- LISPECTOR, Clarice. (NUNES, Benedito, coord.) A paixão segundo G.H. Brasília: CNPq, 1988.
- LISPECTOR, Clarice. Um sopro de vida. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- NUNES, B. O Drama da Linguagem. Uma Leitura de Clarice Lispector. São Paulo, Ática, 1989.
- O Imaginário em Clarice Lispector. In: O Dorso do Tigre. 2a ed. São Paulo, Perspectiva, 1976.